

40 Oswald Spengler A Decadência do Ocidente

EXCERPTS SELECIONADOS:

**Pensamento
Político**

*Edição condensada
por Helmut Werner*

*Tradução
de Herbert Caro*



Editora Universidade de Brasília

Com o apoio



FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO

INTRODUÇÃO

A Tarefa

NESTE LIVRO acomete-se pela primeira vez a tarefa de pre-
dizer a História. Trata-se de visionar o destino de uma cul-
tura, por sinal da única no nosso planeta a ter alcançado a
sua plenitude, a saber, a cultura da Europa ocidental e das
Américas. Cabe-nos predefinir o curso que sua evolução toma-
rá nas fases futuras.

Existe uma lógica na História? Haverá, além dos feitos
avulsos, que são casuais e imprevisíveis, uma estrutura, por
assim dizer, metafísica, da Humanidade histórica, e que per-
maneça independente das conhecidas e manifestas formações
político-espaciais, que se vêem na superfície? Uma estru-
tura que, pelo contrário, origine essa realidade secundária?
Não se apresentam as grandes linhas da História Universal
aos olhos inteligentes sempre sob um aspecto que permita
tirar conclusões? E se isso for assim, quais serão então os
limites de tais deduções? Será possível descobrir na própria
vida — já que a história humana é a totalidade de enormes
ciclos vitais, que a linguagem usual costuma apresentar e per-
sonificar, espontaneamente, como indivíduos de ordem supe-
rior, ativos e pensantes, chamando-os de "a Antiguidade",
"a Cultura Chinesa", "a Civilização Moderna" — será possí-
vel descobrir na própria vida os degraus que teremos de es-
calar, numa sequência que não admite exceção? Os concei-
tos fundamentais de tudo quanto é orgânico — conceitos tais
como nascimento, morte, juventude, velhice, duração da vida
— não terão eles também nesta esfera um sentido estrito que
ninguém ainda logrou perceber? Não se baseia, numa pala-

vra, todo o desenvolvimento histórico em certas protoformas biográficas de caráter geral? A decadência do Ocidente, à primeira vista um fenômeno limitado no espaço e no tempo, da mesma forma que a correspondente decadência da Antiguidade, é, portanto, um tema filosófico, que, considerando-se toda a sua importância, encerra em seu seio o conjunto dos grandes problemas da existência.

Se quisermos saber de que modo se cumprirá o destino da Cultura Ocidental, deveremos antes determinar o que seja cultura, em que relação ela se ache para com a história visível, a vida, a alma, a natureza, o espírito sob que formas se manifesta, e até que ponto representam essas formas — povos, idiomas e épocas, batalhas e idéias, Estados e deuses, artes e obras, ciências, direitos, organismos econômicos e concepções do mundo, grandes homens e grandes acontecimentos — símbolos, que, como tais, possam ser interpretados.

O meio pelo qual reconhecemos as formas mortais é a lei matemática. O meio pelo qual compreendemos as formas vivas é a analogia. Desta maneira, distinguem-se a polaridade e a periodicidade do mundo.

Sempre se teve consciência da limitação do número de formas sob as quais se manifesta a História Universal, e do fato de que se repetem, no que se refere a seu tipo, idades, épocas, situações, pessoas. Quem tratar da aparação de Napoleão, difficilmente deixará de dirigir olhares comparativos a César e a Alexandre, sendo o primeiro desses olhares, como veremos, morfológicamente inadmissível, ao passo que o segundo se justifica plenamente. Frederico o Grande, nos seus tratados políticos — como as *Considérations* de 1738 — serve-se com perfeita segurança de analogias, a fim de formular sua concepção da situação política do mundo; por exemplo, ao comparar os franceses com os macedônios da época de Filipe, e os alemães com os gregos. “Já se encontram nas mãos de Filipe as Termópilas da Alemanha: a Alsácia e a Lorena.” Com isso definia-se admiravelmente a política do Cardeal Fleury. Na mesma obra, topamos com o confronto entre a política das casas de Habsburgo e de Bourbon e as procrições de Antônio e Otávio.

Mas tudo isso era apenas fragmentário e resultava de um capricho momentâneo, obedecendo ao impulso ocasional de expressar-se poética ou espiritualmente, antes do que ao senso profundo de forma histórica. Por enquanto, não ocor-

reu a ninguém transformar tais improvisações num método. Ninguém suspeitou sequer que ali se encontrava uma raiz, e na realidade a única raiz, da qual pudesse brotar uma grande solução para o problema da História. As comparações poderiam trazer boa sorte ao pensamento histórico, desde que patentessem a estrutura orgânica da História. Para isso seria necessário refinar a sua técnica, sob o efeito de uma idéia vasta, que a elevasse ao nível de necessidade isenta de hesitação e a conduzisse à mestria lógica. Anteriormente, representavam uma desgraça, por não passarem de uma questão de gostos e por não exigirem, em consequência disso, do historiador a intuição e o esforço indispensáveis para que ele lograsse reconhecer na linguagem das formas históricas e na análise das mesmas a sua incumbência mais difícil e mais direta.

E assim se amplifica a nossa tarefa, que, inicialmente, abrangia apenas um problema limitado da civilização atual e agora se converte numa filosofia nova, a filosofia do futuro, se é que no solo do Ocidente, metafisicamente exausto, pode nascer uma obra dessa espécie, a única ao menos suscetível de ser contada entre as possibilidades que ainda restam ao espírito ocidental-europeu nas suas próximas fases. Nossa tarefa assume então a forma da idéia de uma *morfológia da História Universal*, do Universo como História, em oposição à morfológia da Natureza, a qual, até hoje, foi, com raras exceções, o tema exclusivo da Filosofia. A morfológia da História Universal compreenderá mais uma vez, porém, num agrupamento completamente diverso, todas as figuras e todos os movimentos do mundo, coordenando-os, não num panorama das coisas conhecidas, mas num quadro da vida, não do que se produziu, mas do próprio processo de produzir-se.

O *Universo como História*, compreendido, contemplado, plasmado, em contraste com o *Universo como Natureza*! Eis um aspecto novo da existência humana neste globo. Mas, até hoje, ninguém se deu conta da enorme importância teórica e prática da tarefa de elucidá-lo, embora talvez houvesse pessoas que dela suspirassem ou a vislumbraassem vagamente. Nunca ninguém se atreveu a empreender a sua realização com todas as suas consequências. Para o homem, há duas maneiras imagináveis de apoderar-se do seu ambiente e de sofrer o influxo do mesmo. Faço uma distinção rigo-

xado, cada vez que passar da coleção e da classificação do material para a sua interpretação. Ainda não penetrou nas nossas formulações teóricas a convicção de que, além da necessidade de causa e efeito — e que eu gosto de chamar de lógica do espaço — há na vida ainda a necessidade orgânica do destino. — a lógica do tempo. Esta última constitui um fato de profunda certeza íntima; um fato que dá conteúdo a todo o pensamento mitológico, religioso, artístico; um fato que forma o núcleo e a essência de toda História; em oposição à Natureza, mas que permanece inacessível aos métodos de conhecimento analisados na Crítica da Razão Pura.

A Matemática e o princípio da Causalidade conduzem a uma ordem naturalista dos fenômenos. A Cronologia e a idéia do Destino levam a uma ordem histórica. Ambas essas ordens abrangem, cada qual isoladamente, o mundo inteiro. Somente variam os olhos nos quais e através dos quais se realiza esse mundo.

Para Quem Existe a História?

Natureza é a forma sob a qual o homem das culturas elevadas confere unidade e significado às impressões imediatas dos seus sentidos. História é a forma sob a qual a sua imaginação procura compreender a existência viva do Universo, com relação à sua própria vida, a fim de conferir a esta uma realidade mais profunda. Será o homem capaz de criar tais formas, e qual delas dominará a sua consciência vigilante? Eis o problema primordial de toda a existência humana.

Apresentam-se assim ao homem duas possibilidades de plasmar o mundo. Com isso já expressamos que não se trata necessariamente de realidades. Se, portanto, perguntarmos nas páginas que se seguem, qual seja o significado de toda a História, teremos de resolver previamente uma questão que nunca antes foi levantada. Para quem há História? Pergunta paradoxal, segundo parece. Sem dúvida, há História para todos, uma vez que cada homem, com a totalidade da sua existência e vigilância, é membro da mesma. Há, no entanto, uma grande diferença entre uma existência levada sob a impressão contínua de que a própria vida é uma parcela de um ciclo vital muito mais amplo, a estender-se sobre

rosa, segundo a forma e não segundo a substância, entre a impressão orgânica que o mundo provoca e a impressão mecânica; entre a essência das formas e a essência das leis; entre a imagem e o símbolo, de um lado, e a fórmula e o sistema, do outro; entre a realidade especial e a possibilidade geral; entre o objetivo que é perseguido pela força imaginativa, a coordenar as coisas à base de um plano, e o que se propõe a experiência na sua análise metódica; ou finalmente — para já mencionarmos nesta oportunidade uma oposição muito importante — a esfera do número cronológico e a esfera do número matemático.

Num estudo do gênero do presente, não se pode, portanto, tratar de aceitarmos os acontecimentos político-espirituais em si, tais como se nos afiguram à luz do dia, para classificarmos-os nas categorias de "causas" e "efeitos" e para acompanharmos a sua tendência aparente, suscetível de ser captada pelo intelecto. Esse tratamento — "pragmático" — da História não passaria de uma parcela de ciência natural disfarçada, o que não ocultam os partidários da concepção materialista da História, ao passo que seus oponentes não chegam a perceber a identidade do seu método com o que combatem. Não se trata, pois, daquilo que são os fatos tangíveis da História em si, como fenômenos ocorridos em determinado tempo, mas do que significam, do que indicam por meio da sua aparência.

Ainda não encontrei ninguém que levasse a sério o estudo da *afinidade morfológica* que liga intimamente a linguagem das formas em todos os campos da Cultura. Os primeiros fatores mais reais da política, considerados nesta perspectiva, assumem um caráter simbólico, deveras metafísico. Talvez seja a primeira vez que coisas tão diversas como são a organização administrativa do Egito, o sistema monetário antigo, a Geometria analítica, o cheque, o canal de Suez, a imprensa chinesa, o exército prussiano e a técnica rodoviária dos romanos, cheguem a ser consideradas, sob o mesmo prisma, como *símbolos* e interpretadas como tais.

Neste ponto manifesta-se que, por enquanto, não existe nenhuma arte teoricamente elucidada, da observação histórica. Pensam alguns realizar uma investigação histórica, ao irem em busca do nexo objetivo de causa e efeito. Mas, ao lado do físico e do matemático, o historiador parecerá rela-

séculos e milênios, e outra, considerada como algo completo, encerrado, delimitado em si mesmo. Certamente não haverá para essa última classe de viglância nenhuma História Universal, nenhum Universo como História. Que ocorrerá, porém, quando toda uma cultura, quando a consciência que uma nação inteira tiver de si mesma, provierem de tal espírito não-histórico? Como se lhe afigurará a realidade, o mundo, a vida?

Que é História Universal?

Uma concepção ordenada do passado, um postulado íntimo, uma expressão de um senso formal. Sem dúvida alguma. Mas um sentimento, por determinado que seja, não é uma forma concreta. Ainda que nós todos sintamos a História Universal, vivendo-a e crendo-nos capazes de abrangê-la com a vista, seguros de conhecer a sua configuração, permanece certo, todavia, que, por enquanto, só temos conhecimento de algumas das suas formas, mas nunca da sua forma, como correlato da nossa vida íntima.

Antiguidade, Idade Média, Época Moderna — eis o esquema absurdo, incrivelmente pobre, cujo domínio absoluto sobre o nosso pensamento histórico fez uma e outra vez com que não compreendêssemos corretamente a verdadeira posição dessa pequena parcela do mundo, tal como se desenvolveu no solo da Europa ocidental, desde a era dos imperadores alemães, e com que nunca apreciássemos com exatidão o seu nexo com a história total da humanidade civilizada, no que tange à sua categoria, à sua forma, e à duração da sua vida. As culturas do porvir parecerá quase inacreditável que esse esquema jamais tenha sido abalado seriamente, não

obstante a estupidéz do seu curso retilíneo e as suas proporções insensatas, que de século em século se tornam mais ilógicas, e sem embargo do fato de ele não admitir a incorporação natural de zonas recentemente trazidas à luz da nossa consciência histórica. Tal esquema não somente reduz a extensão da História, como também — e isso é pior ainda — restringe-lhe o cenário. O território da Europa — o velho tal constitui o pólo imóvel — não se sabe por que, a não ser pela razão de que nós, os realizadores desse quadro histórico, nascemos justamente neste lugar. Ao redor do mencionado pólo, giram, com toda a modestia, milênios de história sumamente importante, bem como imensas culturas longínquas. Deparamos com um sistema planetário de caráter muito singular. Escolhe-se uma determinada região, para que sirva de centro natural de um sistema histórico. Representando o sol, de onde os acontecimentos históricos recebem uma iluminação autêntica, determina ela a perspectiva sob a qual é medida a importância de tudo quanto ocorrer.

É óbvio que, para a cultura do Ocidente, a existência de Atenas, Florença e Paris seja mais importante do que a de Lo-yang e de Pataliputra. Mas, será lícito fundarmos sobre tais valorizações um esquema da História Universal? Nesse caso, teria razão um historiador chinês que esboçasse uma História Universal que silenciase acerca das Cruzadas e do Renascimento, de César e de Frederico o Grande, devido à sua insignificância. Por que seria, sob o aspecto morfológico, o século XVIII mais importante do que qualquer um dos sessenta precedentes? Não é ridículo opor-se uma "Época

(1) O termo "Europa" deveria ser eliminado da História. Não existe nenhum tipo histórico de "europeu". Falar, no caso dos helenos, de "Antiguidade europeia" e da sua "missão", é rematada estupidéz. A palavra "Europa", com todo o complexo de idéias originadas sob a sua influência, é o único elo a ligar a Rússia ao Ocidente, criando na nossa consciência histórica uma unidade que nada justifica. Nesse portmensor, uma simples abstração teve consequências reais incomensuráveis, para uma cultura de leitores educados à base de livros. Graças à pessoa de Pedro o Grande, a tendência histórica de uma massa primitiva de povos foi apreciada erroneamente durante séculos, ainda que o instinto russo trace, acurada e profundamente, o limite entre a "Europa" e a "Másczha Rússia", com uma hostilidade que se encarna nas personalidades de Tolstói, Aksakov e Dostolevski. O Oriente e o Ocidente são conceitos de genuíno teor histórico. A "Europa" é um termo totalmente vazio.

Moderna", com uns poucos séculos de extensão, e ainda localizada quase exclusivamente na Europa, a uma "Antiguidade" que abranja outros tantos milênios, e na qual a quantidade das culturas pré-gregas, sem nenhuma tentativa de coordenação mais profunda, seja considerada mero apêndice? No intuito de salvar-se o esquema antiquado, foram reduzidos a um simples prelúdio da Antiguidade tanto o Egito como a Babilônia, cujas histórias, formando um complexo claramente delineado, têm, cada qual, mais peso do que a pretensa "História Universal", desde Carlos Magno até à Guerra Mundial, e ainda mais além. Os vastos conjuntos das culturas chinesa e indiana ficaram relegados a acanhadas notas explicativas, ao passo que nem sequer se tomava conhecimento das grandes culturas americanas, já que lhes faltava a "conexão" — com quê?

Esse sistema, comumente adotado pelos habitantes da Europa ocidental dos nossos dias, e que faz as grandes culturas girarem em torno de nós, como se fôssemos o centro de todas as ocorrências universais — costume denominá-lo de sistema plotaico da História. Como a descoberta copernicana, no terreno da História, considero o sistema que neste livro substitui aquele outro, o sistema no qual a Antiguidade e o Ocidente figuram ao lado da Índia, da Babilônia, da China, do Egito, das Culturas Árabe e Mexicana, sem ocuparem em absoluto nenhuma posição privilegiada. Todas essas culturas são orbes diversos do desenvolvimento geral, que pesam tanto quanto a Antiguidade no balanço total da História e superam-na em muitos casos, no que toca à grandiosidade das concepções espirituais e à pujança ascensional.

O esquema: Antiguidade, Idade Média, Época Moderna é, na sua forma primitiva, uma criação do sentimento mágico do Universo, e que se manifestou pela primeira vez nas religiões persa e judaica, a partir de Ciro. Na doutrina do livro de Daniel, relativa às quatro idades do mundo, conferiu-se-lhe caráter apocalíptico. Nas religiões pós-ortodoxas do Oriente e sobretudo nos sistemas gnósticos, recebeu finalmente a forma de uma História Universal.

Dentro dos estreitíssimos limites que constituem o pressuposto intelectual de tal concepção importante, justificava-se ela plenamente. Sob esse aspecto, nem a história da Índia nem tampouco a do Egito entram no círculo das considera-

ções. O termo "História Universal" significa, na boca daqueles pensadores, uma ação única, sumamente dramática, cujo cenário foi a região situada entre a Hélade e a Pérsia. Nessa ação expressa-se o sentimento estritamente dualista, peculiar do homem oriental. Ao contrário do que se nos depára na metafísica dessa mesma época, essa expressão não é polar, com a oposição da alma e do espírito ou do bem e do mal, mas periódica, vista como uma catástrofe, como a divisa a separar as duas idades da Criação e do Fim do Mundo. Prescindem-se quaisquer elementos que não tenham sido fixados nem, de uma parte, pela literatura "antiga", nem, de outra, pela Bíblia, ou pelo livro sagrado que no respectivo sistema ocupar o lugar de "Antiguidade" e "Época Moderna" afigura-se sob a forma de Paganismo e Judaísmo ou a oposição então evidente entre Paganismo e Judaísmo ou Cristianismo, entre o "antigo" e o "oriental", entre estátua e dogma, exibindo-se o espetáculo do triunfo de um sobre o outro. A transição histórica mostra os sinais característicos de uma salvação religiosa. Trata-se de uma concepção estreita, fundada em noções tipicamente provincianas, se bem que fosse lógica e perfeita em si. Mas, permanecendo circumscrita a essa região e a esse grupo de homens, era incapaz de qualquer ampliação natural.

Somente pelo acréscimo de uma terceira idade — a nossa "Época Moderna" — no solo do Ocidente, foi introduzida nesse quadro uma tendência de movimento. A imagem oriental era imóvel, uma antítese cerrada, em constante equilíbrio, com uma única ação divina em seu centro. Aceita e sustentada por uma espécie de homens totalmente diversa, recebeu subitamente uma prolongação linear, sem que ninguém se desse conta da natureza estapafúrdia de tal modificação, e essa linha ia de Homero ou de Adão — as possibilidades aumentaram hoje grandemente, com os indo-europeus, a Idade da Pedra e os pitecantropos —, via Jerusalém, Roma, Florença e Paris, ou para cima ou para baixo, segundo o gosto pessoal do historiador, pensador ou artista, que interpretasse a imagem triplíce com illimitada liberdade.

Aos conceitos complementares de "Paganismo" e "Cristianismo", juntou-se assim um terceiro, o conceito finalizador da "Época Moderna", o qual, pela sua índole, não permite nenhuma continuação do processo e, depois de ter sido "estacado" várias vezes desde a era das Cruzadas, já não parece

INTRODUÇÃO

suscetível de suportar outras dilatações, como demonstra claramente a expressão ridícula, desesperada, de "Época contemporânea". Sem que isto fosse pronunciado abertamente, opinava-se que nesse ponto, além da Antiguidade e da Idade Média, começava qualquer coisa definitiva, um terceiro reino, no qual seria alcançado algo, um ápice, um objetivo, cuja definição exclusiva cada qual se atribuía a si mesmo, desde os escolásticos até aos socialistas dos nossos dias.

No próprio limiar da Cultura Ocidental, surge o grande vulto de Joaquim de Floris († 1202), o primeiro pensador da estirpe de Hegel, e que demoliu a imagem dualista do Universo, tal como a concebera Santo Agostinho, e inspirado de um sentimento genuinamente gótico, opôs o novo cristianismo da sua era, como terceiro elemento, às religiões do Velho e do Novo Testamento: as idades do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Comoveu intrinsecamente os melhores representantes de franciscanos e dominicanos, tanto como Dante e São Tomás. Originou uma visão do mundo que aos poucos se generalizou em todo o pensamento histórico da nossa cultura. Lessing, que, para designar a sua própria época, com relação à Antiguidade, às vezes emprega francamente o termo "Posteridade", herdou essa idéia das obras de autores místicos do século XIV e aplicou-a à sua *Educação do gênero humano* (com as etapas de infância, adolescência e virilidade). Ibsen, que tratou desse assunto pormenorizadamente no seu drama — *O Imperador e o Galileu* — onde a idéia gnóstica aparece encarnada pelo mago Máximo —, não deu nenhum passo adiante naquele célebre discurso feito em Estocolmo, no ano de 1887. Evidentemente exige a presunção dos europeus ocidentais que se considere a sua própria aparição como uma espécie de ponto final.

Mas a criação do abade de Floris era uma visão mística, a penetrar nos mistérios da ordem que Deus dera ao Universo. Necessariamente, perdia todo e qualquer significado ao ser formulada em termos racionais e ao ser instituída como premissa do pensamento científico. É precisamente isso o que está acontecendo, com frequência cada vez maior, a partir do século XVII. Torna-se, no entanto, completamente insustentável um método de interpretar a História Universal, o qual dê rédea solta às convulsões políticas, religiosas ou sociais do próprio intérprete; um método que imprima às referidas três fases, que ninguém se atreve a discutir, rumos que

as conduzam justamente ao ponto em que se encontre o Intérprete: um método que, como gabarito absoluto para medir milênios e para demonstrar que estes não compreenderam ou não alcançaram a verdade, empregue, respectivamente, conceitos tais como a supremacia da Razão, a humanidade, a felicidade do maior número, a evolução econômica, o esclarecimento, a liberdade dos povos, o triunfo sobre a Natureza, a paz mundial, ou qualquer outra coisa desse quilate. Mas, na realidade, aqueles milênios tinham apenas objetivos diferentes dos nossos. "O que importa na vida é, sem dúvida alguma, a vida e não o seu resultado", reza uma frase de Goethe, a qual deveria ser oposta a quem fizesse tentativas estúpidas no sentido de desentranhar, por meio de um programa, o segredo da forma histórica.

Os historiadores de todas as artes e ciências, sem esquecermos a Economia Política e a Filosofia, costumam traçar o mesmo quadro. Nele vemos "a" Pintura, desde os egípcios (ou desde os homens das cavernas) até aos impressionistas, ou "a" Música, desde o vate cego, Homero, até Bayreuth, ou ainda "a" Ordem Social, desde as habitações lacustres até ao Socialismo, e tudo isso progride numa ascensão retineia, à qual se atribui uma tendência invariável, sem que ninguém encare a possibilidade de terem as artes uma vida limitada, de serem elas circunscritas a uma determinada região ou a certa espécie de homens, cuja expressão representem. Pessoa alguma compreende que todas essas histórias gerais não passem de adições extrínsecas de múltiplas evoluções individuais, de artes isoladas, que, entre si, nada têm em comum, a não ser o nome de alguns fatores da técnica do respectivo ofício.

Sabemos que o ritmo, a forma, a duração de vida de todos os organismos são determinados pelas peculiaridades da espécie a que pertencem, e o mesmo ocorre com relação a todas as manifestações da sua vida. Ninguém suporá que um carvalho milenar se ache precisamente agora no ponto inicial da sua verdadeira evolução. Ninguém há de crer que uma lagarta, cujo crescimento observamos dia a dia, possa continuar a crescer, do mesmo modo, durante anos a fio. Nesses casos, toda gente percebe, com absoluta certeza, a existência de um limite, e essa sensação é idêntica com o senso das formas orgânicas. Mas, em face da história da Humanidade civilizada, predomina um otimismo de-

sentido, a menosprezar quaisquer experiências históricas, e com isso orgânicas, relativas ao desenvolvimento futuro. Cada um descobre no presente os "sintomas" de um progresso linear, especialmente significativo, não porque possa comprová-lo cientificamente, mas porque o acha desejável.

Mas a "Humanidade" não tem nenhum objetivo, nenhuma idéia, nenhum plano, como não os têm as espécies das borboletas ou das orquídeas. "A Humanidade" é um conceito zoológico ou uma palavra vazia. Fazemos com que esse fantasma desapareça do círculo de problemas relacionados às formas históricas, e logo veremos surgir uma abundância surpreendente de formas genuínas. Em lugar da mótona imagem de uma História Universal retineia, depararemos com o espetáculo de múltiplas culturas poderosas, a brotarem com cósmico vigor do seio de uma região maternal, à qual todas elas permanecem ligadas, rigorosamente, por todo o curso da sua existência. Cada qual dessas culturas imprime à sua matéria, que é o espírito humano, a sua forma peculiar; cada qual tem suas próprias idéias, suas próprias paixões, sua vida, sua vontade, seu sentir, sua morte próprios. Existem aí cores, luzes, movimentos, jamais descobertos por nenhuma contemplação espiritual. Há culturas, povos, línguas, variedades, deuses, regiões, alguns florescentes, e outros envelhecidos, como há carvalhos ou pinheiros, corolas, galhos e folhas que sejam novos e outros que sejam velhos. Porém não há nenhuma "Humanidade" avelhantada. Cada cultura tem suas próprias possibilidades de expressão, que se manifestam, amadurecem, definham e nunca mais ressuscitam. Existem numerosas "plásticas" fundamentalmente diferentes entre si existem numerosas Pinturas, Matemáticas, Físicas. Cada qual tem duração limitada, cada qual está encerrada em si mesma, assim como toda espécie vegetal tem suas flores e frutas características, ser tipo peculiar de crescimento e de decadência. Essas culturas, seres vivos de ordem superior, criam-se, como os lírios do campo, numa sublime ausência de propósitos. Da mesma forma que plantas ou animais, fazem parte da natureza viva de Goethe, e não da natureza morta de Newton. Enxergo na História Universal a ima-

(1) "A Humanidade? Isso é uma abstração! Nunca houve outra coisa a não ser homens, nem haverá outra coisa." (Goethe, num coloquio com Luden.)

gem de uma eterna formação e transformação, de um mara-
vilhoso desenvolvimento e o caso de formas orgânicas. Ao
historiador profissional, por sua vez, apresenta-se ela sob a
forma de uma ténia, a acrescentar, incansavelmente, novas
épocas ao seu corpo.

Mas a sequência "Antiguidade-Idade Média-Época Mo-
derna" cessou finalmente de produzir efeito. Muito em-
bora fosse estreita e trivial, como fundamento científico,
constituiu a única concepção não inteiramente desprovida
de carácter filosófico de que dispúnhamos para a tarefa de
coordenar os resultados das nossas pesquisas. A parcela da
História Universal que foi sistematizada até agora deve a
essa concepção o que lhe resta de conteúdo. Mas o número
de séculos que esse esquema, na melhor das hipóteses, era
capaz de abranger, foi ultrapassado há muito tempo. Com
o rápido aumento do material histórico, sobretudo daquele
material que não se enquadrava no referido esquema, começa
a imagem tradicional a dissolver-se num caos de dimensões
imprevisíveis.